

O Fracasso Escolar entre Estudantes do 6º Ano de Escolas Públicas Estaduais de Rio Grande, RS

School Failure among Students of the 6th Year of State Public Schools in Rio Grande, RS

Celso Ubirajara Soares dos Santos^{a*}; Patricia Duro Vianna^b; Fabio Andrade Bulhosa^c

^aFaculdade Anhanguera Rio Grande, Curso de Psicologia.

^bInstituto Federal Sul-Rio-Grandense, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação.

^cUniversidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Contábeis.

*E-mail: celsobira@hotmail.com

Resumo

A escola complementa o trabalho da família, por isto há preocupação tanto com o desempenho e a permanência dos alunos, quanto com o papel da família nesse processo. Na família, a criança começa o seu primeiro aprendizado e com ele referencia toda a educação formal. O termo “Fracasso Escolar” remete às dificuldades na leitura ou escrita, ao baixo rendimento, a múltiplas repetências, à evasão escolar ou à falta de ajuste às regras institucionais. Assim, esta pesquisa teve por objetivo verificar as causas que levaram alunos do 6º ano de duas escolas públicas da cidade de Rio Grande, sem patologias ligadas a dificuldades de aprendizagem, a fracassarem na escola. A pesquisa foi realizada por meio de um instrumento de análise quantitativa. Os resultados sugerem as dificuldades dos responsáveis na orientação às dúvidas dos alunos.

Palavras-chave: Fracasso Escolar. Família. Escola. Aluno.

Abstract

The school complements the work of the family and, for this reason, there is a concern about the performance and retention of students in schools and the role of the family in this process. In the family, the child begins her first apprenticeship and so starts referencing any formal education. The term “School Failure” refers to the difficulties in reading or writing, low income, multiple repetitions, school evasion or lack of adjustment to the institutional rules. Thus this research aimed to verify the causes that led 6th year students from two public schools in the city of Rio Grande, without any pathology related to learning disabilities, failing in school. Therefore, this conclusion has gained through a quantitative analysis tool. The results suggest difficulties of those responsible in supporting the students’ doubts.

Keywords: School Failure. Family. School. Student.

1 Introdução

A partir da redemocratização do Brasil, a escola mostrou-se uma agência educacional e socializadora completando o trabalho da família. Por essa razão, houve a preocupação com o desempenho e a permanência dos alunos nas escolas e o papel da família nesse processo (DAZZANI; FARIA, 2009).

É na família que a criança começa seu aprendizado sobre cultura, emoções e regras, com valores básicos e é quando ela começa a referenciar todo seu aprendizado. Também a família deve estimular a aprendizagem, acompanhando o processo educacional como ajuda pedagógica no lar, servindo de base para esses alunos (FIALE, 2012).

Como a aprendizagem faz parte do ser humano e a escola se faz necessária para a socialização da criança, percebe-se que, se houver dificuldades na aprendizagem nesse período, elas poderão acarretar problemas em seu futuro.

Gualtieri e Luigli (2012) referem-se ao termo Fracasso Escolar como sendo as dificuldades de crianças/jovens na leitura ou escrita, baixo rendimento com histórico de múltiplas repetências, abandono da escola e não ajuste às regras institucionais.

Segundo Patto (2010), o Fracasso Escolar, é entendido

como a soma das taxas de retenção e de evasão escolar. Forgiarini e Silva (2011) repetem esse conceito, acrescentando que o Fracasso Escolar, além de compreender a evasão ou a repetência, engloba também a aprovação com baixo índice de aprendizagem.

Em uma tentativa de explicar as possíveis causas do Fracasso Escolar, constatou-se que a privação ou carência de estímulos cognitivos, a falta de estimulação benéfica e adequada em momentos críticos do desenvolvimento infantil, poderiam levar ao Fracasso Escolar. Assim o problema foi direcionado para os alunos, que, por pertencerem a camadas sociais desfavorecidas, poderiam apresentar dificuldades na aprendizagem escolar (PATTO, 2010).

Com o foco nesses alunos, a psicologia escolar passou a preocupar-se com a estimulação das crianças, desconsiderando, em parte, a importância da família ou o próprio processo de ensino, ambos envolvidos na aprendizagem da criança ou do adolescente (PATTO, 1999).

Assim, a construção de um exercício profissional da psicologia escolar necessita buscar o determinante no qual o aluno em “fracasso” faz parte. Nesta pesquisa procurou-se, então, verificar as causas que levaram alunos do 6º ano

de duas escolas públicas da cidade de Rio Grande, que não apresentam patologias ligadas a dificuldades de aprendizagem, a fracassarem na escola, com base na visão deles.

2 Material e Métodos

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética sob o parecer nº 851.796, estando, portanto, de acordo com a Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia e a nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, em vigor desde junho de 2013.

A metodologia empregada foi quantitativa de modo transversal, com amostra por conveniência em duas escolas da rede estadual de ensino da cidade de Rio Grande/RS, com alunos que estão cursando o 6º ano do Ensino Fundamental com repetências consecutivas neste ano, que não apresentam causas orgânicas e cujos pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. A amostra inicial foi composta por 29 indivíduos, 10 foram excluídos por não terem sido autorizados pelos responsáveis e três indivíduos evadiram das escolas pesquisadas, portanto a amostra final foi de 16 alunos.

Os dados foram obtidos por meio de instrumento aplicado diretamente aos alunos, visto que a maioria dos estudos sobre Fracasso Escolar são realizados abordando diferentes pessoas envolvidas no processo, como pais e professores, e não focando a percepção dos alunos. Em uma pesquisa realizada por Mattos e Castro (2010) foram analisados 683 artigos e somente 10 ouviram o aluno.

É por meio da percepção que o indivíduo dá significado a uma situação. Com base em um conjunto de crenças é que ele irá configurar a natureza do mundo e o lugar das pessoas nele (GOLDBERG, 2002). Assim, optou-se por entrevistar o aluno pois acredita-se que ele, por ser o principal sujeito afetado pelo Fracasso Escolar, deve ser ouvido. A percepção determina como ele se sentirá e se comportará.

O instrumento utilizado foi um questionário fechado contendo 12 questões de múltipla escolha visando o número de repetências no 6º ano, sexo dos alunos, número de repetências consecutivas, percepção dos professores por parte do aluno e qualidade do suporte pedagógico em casa. As questões foram baseadas na literatura pesquisada na área temática. O instrumento foi testado em projeto piloto em seis sujeitos que não fizeram parte da pesquisa, antes de sua aplicação, com o intuito de testar e corrigir erros.

Para dar início à pesquisa foi feito o primeiro contato com as supervisoras pedagógicas, a fim de selecionar os alunos que participariam da pesquisa. Após, foi realizado contato com os pais e responsáveis para explicar o conteúdo da pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido; foi assegurado o direito ao sigilo de suas informações e sua identidade. Todos os entrevistados tiveram respeitados sua

autonomia e o direito de recusa na participação no decorrer da entrevista, sem lhe causar prejuízo.

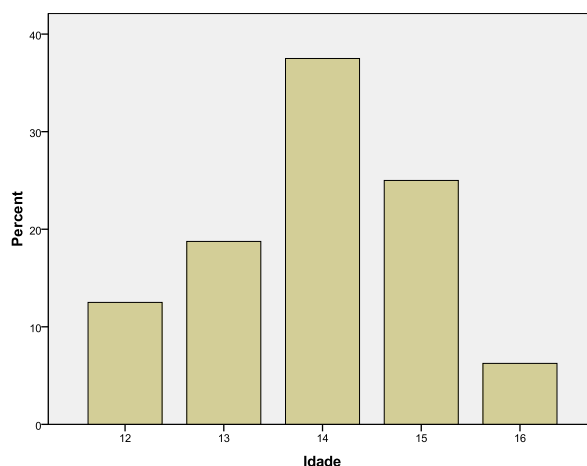
Após a autorização dos pais ou responsáveis foi dado início à pesquisa com os alunos, em horários de aula, com a permissão do professor.

Ao fim da pesquisa de campo, os dados foram examinados pelo programa *SPSS Statistics 17.0 for Windows*, com o objetivo de análise descritiva simples e cruzamento das variáveis. Após, foram verificados e comparados à literatura voltada à temática da pesquisa.

3 Resultados e Discussão

Os resultados obtidos no que se refere à distorção de idade entre os participantes (Figura 1) foi de 33,34% (12 a 16 anos).

Figura 1: Idade dos participantes

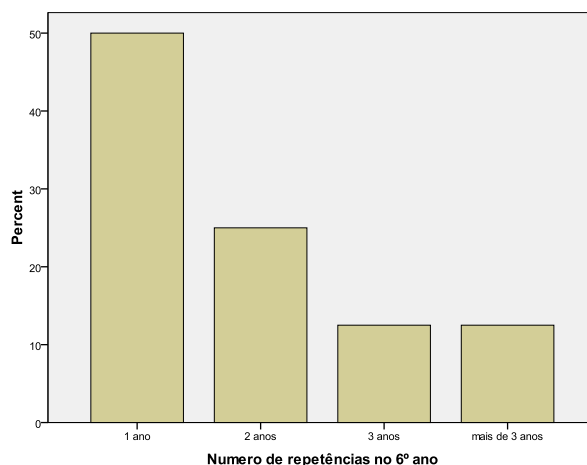


Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao gênero, 56,3% eram do sexo masculino, enquanto 43,8% do sexo feminino.

As repetências variaram de um ano a mais de três anos. Sendo o maior percentual, 50%, com somente uma repetência (Figura 2).

Figura 2: Número de repetências no 6º ano



Fonte: Dados da pesquisa.

Referente aos motivos apresentados para a repetência, 43,8% alegaram que não entendiam a matéria; 31,3% falta de estudos; 18,8% não gostam de estudar; 6,3% outros motivos não especificados.

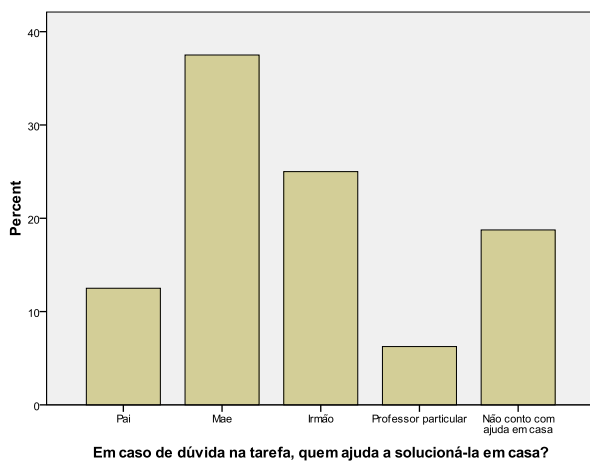
Na questão sobre a atenção do professor com os discentes, o resultado foi de 25% sim, perceberam que o professor não lhes deu importância. Destes 25% somente três indivíduos mencionaram que o professor foi o mesmo da matéria que o havia reprovado. E 75% dos indivíduos não perceberam esse fato.

Quando questionados se alguma vez sentiram insegurança para participar de alguma atividade da aula, 62,5% expuseram que não e 37,5% afirmaram positivamente.

Os estudantes em sua maioria, 68,8%, têm horários para os estudos regulados pelos pais. Os que não têm horários para estudo regulado totalizaram 31,3%

Para ajuda nas tarefas em casa (Figura 3) os resultados foram: 37,5% pedem ajuda para a mãe; 25% pedem ajuda para um irmão; 18,8% não contam com ajuda em casa; 12,5% pedem ajuda ao pai, e 6,3% contam com professor particular.

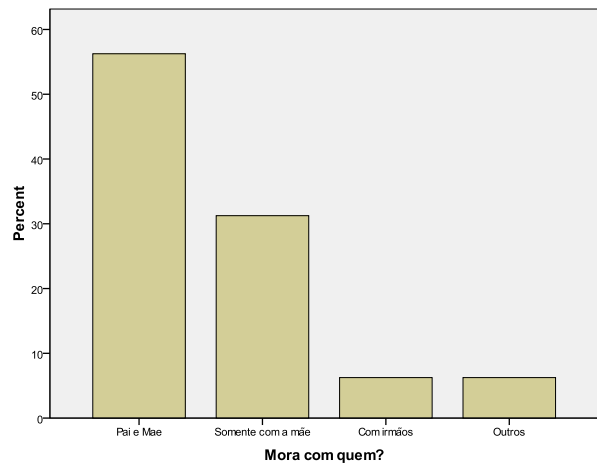
Figura 3: A quem o pesquisado pede ajuda



Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere a sua rede familiar, considerando-se com quem moram, 56,3% mencionaram morar com o pai e a mãe; 31,3% somente com a mãe; 6,3% moram com irmãos e 6,3% com outras pessoas não especificadas (Figura 4).

Figura 4: Com quem o pesquisado mora

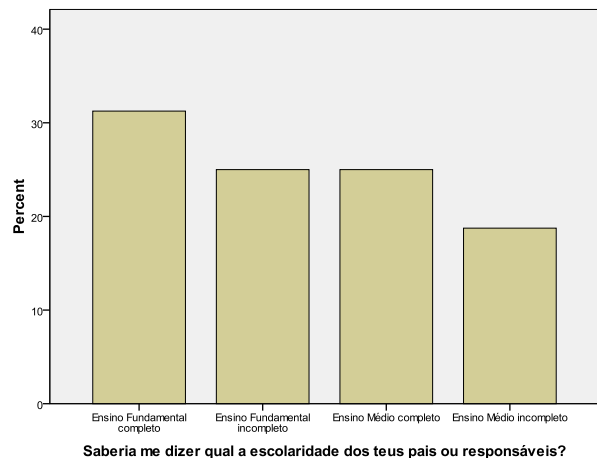


Fonte: Dados da pesquisa.

Pesquisado sobre a situação conjugal dos pais, foram obtidas as seguintes respostas: casados, 50%; separados, mas já possuem outro relacionamento, 37,5%; separados, 12,5%.

O resultado sobre a escolaridade dos pais dos pesquisados (Figura 5) foi de: 31,3% Ensino Fundamental completo; 25% Ensino Fundamental incompleto; 25% Ensino Médio completo; 18,8% Ensino Médio incompleto.

Figura 5: Escolaridade dos responsáveis



Fonte: Dados da pesquisa.

Cruzando os dados sobre os motivos que levaram os pesquisados à repetência com o gênero (Quadro 1), notou-se que 44,4% dos meninos justificaram sua repetência à falta de estudos, enquanto 57,1% das meninas mencionaram que não entendiam a matéria.

Quadro 1: Cruzamento de dados – Sexo versus Motivo da repetência

Sexo	Motivo da repetência (n/%)				Total
	Falta de estudos	Não gosta de estudar	Não entendia a matéria	Outros motivos	
Masculino	4/44,4%	2/22%	3/33,3%	0	9/100%
Feminino	1/14,3%	1/14,3%	4/57,1%	1/14,3%	7/100%
Total	5/31,3%	3/18,8%	7/43,8%	1/6,3%	16/100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Cruzando os quadros sobre os motivos que os levaram à repetência e quem fornece ajuda com as dúvidas escolares em casa (Quadro 2), obteve-se os seguintes resultados

consideráveis: a maioria que não entendia a matéria (57,1%) recebia ajuda da mãe; a maioria que mencionou falta de estudos (40%) alegou que tinha o irmão para ajudar.

Quadro 2: Cruzamento de informações – Quem ajuda nas tarefas em casa *versus* Motivo das repetências

Em caso de dúvida na tarefa, quem ajuda a solucioná-la em casa?	Motivo da repetência (n/%)				Total
	Falta de estudos	Não gosta de estudar	Não entendia a matéria	Outros motivos	
Pai	0	1/33,3%	1/14,3%	0	2/12,5%
Mãe	1/20,0%	1/33,3%	4/57,1%	0	6/37,5%
Irmão	2/40,0%	0	1/14,3%	1/100%	4/25,0%
Professor particular	1/20,0%	0	0	0	1/6,3%
Não conto com ajuda em casa	1/20,0%	1/33,3%	1/14,3%	0	3/18,8%
Total	5/100%	3/100%	7/100%	1/100%	16/100%

Fonte: Dados da pesquisa.

No cruzamento de dados sobre a participação da família nos estudos dos filhos (Quadro 3), a pesquisa mostrou que a maioria dos estudantes, 68,8%, tem horário regulado para o

estudo, sendo que, deste percentual, 45% recebem ajuda da mãe, 18,2% recebem ajuda do pai, e 18,2% recebem ajuda de irmãos.

Quadro 3: Cruzamento sobre horários regulados pelos responsáveis para fazer as tarefas *versus* Quem ajuda na solução de dúvidas no lar

Horários regulados para fazer as tarefas?	Quem ajuda na solução de dúvidas no lar (n/%)					Total
	Pai	Mãe	Irmão	Professor particular	Não conto com ajuda em casa	
Sim	2/18,2%	5/45,5%	2/18,2%	1/9,1%	1/9,1%	11/100%
Não	0	1/20,0%	2/40,0%	0	2/40,0%	5/100%
Total	2/12,5%	6/37,5%	4/25,0%	1/6,3%	3/18,8%	16/100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados encontrados nesta pesquisa referentes às idades dos alunos mostraram que elas variam entre 12 a 16 anos, mostrando uma taxa de distorção idade-série de 33,34%. Este resultado é acima do esperado, pois segundo o Censo Escolar de 2014, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), o 6º ano ficou com a maior taxa de distorção idade-série (30,7%), incluindo escolas públicas e privadas (BRASIL, 2014). Esta distorção de idade pode ser entendida como resultado de evasões e reprovações que, segundo essa pesquisa, as repetências no 6º ano variaram entre um ano e mais de três anos. Segundo a Lei nº 11.274, artigo 32, de 6 de fevereiro de 2006, a qual alterou a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as crianças devem ser matriculadas a partir dos 6 anos de idade no Ensino Fundamental (BRASIL, 2006), assim devendo chegar no 6º ano em torno dos 12 a 13 anos.

No que se refere ao gênero, 56,3% dos pesquisados são do sexo masculino, enquanto 43,8% são do sexo feminino. Em revisão de literatura realizada por Osti e Martinelli (2014), os autores afirmam que o número elevado de estudantes do sexo masculino com histórico de repetência seria ocasionado porque meninos apresentam maior dificuldade em permanecer na escola, recebem conceitos e avaliações inferiores, sendo os mais indicados para reforço escolar. Já as meninas recebem

mais elogios, carinhos e menos desaprovação por parte dos professores.

Na relação motivo da repetência (Quadro 1) e a questão de gênero, verifica-se que a maioria dos alunos do sexo masculino (44,4%) atribuiu a causa da repetência à falta de estudos. A maioria dos alunos do sexo feminino (57,1%) atribuiu seu insucesso a não conseguirem entender a matéria. Almeida e Miranda (2008) analisaram as atribuições causais para os sucessos e fracassos escolares e concluíram que os insucessos das meninas são causados por falta de um método de estudo adequado; quanto aos meninos, faltam-lhes bases de conhecimento para obterem sucesso.

Na relação professor-aluno a maioria dos pesquisados (75%) não percebeu falta de atenção do professor. Este item foi pesquisado visando a atenção do professor como um reforçador social para o aluno (SKINNER, 2003). Como exemplo de reforçador social, podemos citar a interação verbal que ocorre quando há um questionamento de um aluno para seu professor, e se este o ignora, o comportamento de participação em aula pode se extinguir, e o aluno começa a não participar mais da aula e deixa de sanar suas dúvidas.

Com as relações humanas e a participação social dá-se início à formação das funções psíquicas superiores, e a aprendizagem possibilita o desencadear dessas funções. Com a aprendizagem escolar, de forma sistemática, começam

a ser inseridas as ferramentas simbólicas e culturais que criam condições para estas assimilações do conhecimento pelo sujeito (TACCA; BRANCO, 2008). Para isso ocorrer é necessário que na relação entre professores e alunos exista a atenção e a comunicação verbal em ambas as partes.

Ainda no que se refere à relação professor-aluno, Fonseca (2007) menciona que não pode ser baseada em simples comandos, controles, ameaças ou castigos, ela necessita ser baseada em uma reciprocidade emocional compartilhando experiências, proporcionado conforto e segurança durante a participação do aluno, assim dando suporte ao aluno para solucionar seus problemas.

Sobre a participação da família nos estudos dos filhos, considerando se têm horários regulados para os estudos e contam com ajuda (Quadro 3), os resultados apontaram para uma base de apoio aos estudos em casa para a maioria dos estudantes. Fonseca (2007) atribui aos pais e responsáveis a condição de primeiros educadores da criança e com influência crucial no desenvolvimento global de seus filhos.

A família e a escola são instituições importantes na evolução do indivíduo, ajudando ou inibindo seu crescimento, influenciando nas relações afetivas, sociais e cognitivas. A família atua na mediação do homem com a cultura, assim constituindo unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo, além de ser a matriz de aprendizagem do ser humano atuando sobre a forma como irão se constituir os modelos de relações interpessoais (DESSEN; POLONIA, 2007). Também Fiale (2012) menciona que há necessidade do acompanhamento dos pais, pois sua ausência na vida escolar dos filhos pode acarretar baixa estima e problemas na aprendizagem.

Notou-se que a maioria dos pesquisados, 56,3%, mora com o pai e a mãe. Em relação à situação conjugal dos pais, a pesquisa mostra que a maioria é casada (50%), seguido por já possuírem outro relacionamento (37,5%) e separados (12,5%). As separações podem ocasionar temores na criança juntamente com sensação de insegurança e abandono. Ela pode começar a expressar seu descontentamento, mesmo que seja de modo involuntário, expondo-o por meio de bloqueios e retraimento no ambiente escolar. Assim a criança pode apresentar esses comportamentos nos primeiros anos após o divórcio, principalmente na escola. O desempenho escolar depende, primeiramente, da inter-relação familiar e, posteriormente, da relação professor-aluno (CASARIN; RAMOS 2007).

Na associação dos resultados sobre os motivos que levaram à repetência com quem fornece ajuda nas dúvidas escolares (Quadro 2), foi possível evidenciar que a maioria dos alunos pede ajuda à mãe e, os motivos alegados para as repetências foram que não entendiam a matéria (57,1%). Mostra-se então a figura do responsável, neste caso a mãe, como principal acompanhante na ajuda das tarefas em casa e assim não conseguindo suprir as necessidades pedagógicas do filho.

Pesquisa realizada por Chechia e Andrade (2005) apontou que as mães, cujos filhos estão em insucesso na escola, se mostram presentes ajudando nas tarefas, na organização do material e em outros afazeres ligados à escola.

Referente ao nível de escolaridade dos pais dos pesquisados, obteve-se os seguintes resultados: 31,3% dos pais com Ensino Fundamental completo; 25% com Ensino Fundamental incompleto; 25% Ensino Médio completo e 18,8% Ensino Médio incompleto. Estudos realizados nos últimos anos apontam diversos indicadores do Fracasso Escolar, entre eles está o nível de instrução dos pais (DAZZANI; FARIA, 2009). Esta influência pode se dar por alguns motivos. Machado e Gonzaga (2007) mencionam que pais mais escolarizados têm rendimentos salariais mais altos, podendo contribuir mais para o aprendizado de seus filhos e, além disto, têm acesso a um cenário social e cultural, tornando-os potencialmente mais aptos para transmitir conhecimentos. Os autores ainda citam que pais e avós com nível educacional mais baixo possuem filhos ou netos mais vulneráveis ao atraso educacional.

4 Conclusão

Por meio desta pesquisa podemos perceber que o Fracasso Escolar é resultado de multifatores. O aluno com este histórico não pode assumir sozinho essa responsabilidade. O bom ou mau desempenho escolar é fruto de uma atividade complexa que é o Aprendizado.

Dentro desta complexidade que é o aprendizado está a família, cuja participação no auxílio pedagógico é de grande importância. Além deste apoio, a família é responsável pelo desenvolvimento social, afetivo e cognitivo, pois ela é a referência inicial ao aprendizado de crianças/jovens.

Em outro ponto do aprendizado está o professor. Por ser a figura principal no aprendizado formal, ele apresenta ao aluno uma sistematização do conhecimento podendo contribuir para promover a participação do aluno em sala de aula, e com estes conhecimentos nortear seus estudos em casa.

Ao professor cabe também o despertar da vontade de aprender, proporcionando um ambiente de participação ativa do aluno nas atividades solicitadas, gerando assim um ambiente afetuoso e estimulante.

Refletimos por meio deste trabalho que a pesquisa do Fracasso Escolar deve procurar determinantes desse histórico e assim derrubar estigmas e preconceitos sobre as dificuldades do aluno e cada vez mais fornecer caminhos para diminuir o índice de reprovações ou evasões escolares.

Referências

ALMEIDA, L. S.; MIRANDA, L.; GUISANDE, M. A. Atribuições causais para o sucesso e Fracasso Escolares. *Estud. Psicol.*, v.25, n.2, p.169-186, 2008.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Taxa de distorção idade-série. 2014. Disponível em: download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2014/distorcao_idade_serie/tdi_brasil_regioes_UFs_2014.zip. Acesso em: 4 jun. 2015

- BRASIL. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Diário Oficial da União. DF, 07 fev de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm. Acesso em: 23 abr. 2014
- CASARIN, N. E. F.; RAMOS, M. B. J. Família e aprendizagem escolar. *Rev. Psicopedag.*, v.24, n.74, p.182-201, 2007.
- CHECHIA, V.A.; ANDRADE, A.S. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. *Estud. Psicol.*, v.10, n.3, p.431-440, 2005. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300012>.
- DAZZANI, M.V.; FARIA, M. Família, escola e desempenho acadêmico. In: LORDÊLO, J.A.C.; DAZZANI, M.V. (Org.) *Avaliação educacional: desatando e reatando nós*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- DESSEN, M.A.; POLONIA, A.C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, v.17, n.36, p.21-32, 2007. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>
- FIALE, L. A. *Fracasso escolar: família, escola e a contribuição da psicopedagogia*. 2012. Disponível em: <http://www3.unifai.edu.br/pesquisa/publica%3%A7%C3%B5es/artigos-cient%3%ADficos/alunos/pos-gradua%3%A7%C3%A3o/fracasso-escolar-fam%3%ADlia-escola-e>
- FONSECA, V. *Cognição, neuropsicológica e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FORGIARINI, S.A.B.; SILVA, J.C. Fracasso Escolar no contexto da escola pública: entre mitos e realidades. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. *O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense*. Curitiba: SEED/PR., 2011.
- GOLDBERG, K. *A percepção do professor acerca do seu trabalho com crianças portadoras de Autismo e Síndrome de Down: um estudo comparativo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2002.
- GUALTIERI, R.C.E.; LUGLI, R.G. *A escola e o fracasso escolar*. São Paulo: Cortez, 2012
- MACHADO, D.C.; GONZAGA, G. O impacto dos fatores familiares sobre a defasagem idade-série de crianças no Brasil. *Rev. Bras. Econ.*, v.61, n.4, p.449-476, 2007. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71402007000400002>
- MATTOS, C.L.; CASTRO, P.A. Entrevista como instrumento de pesquisa nos estudos sobre Fracasso Escolar. 2010. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/42.pdf>> Acesso em: 27 mar. 2014
- OSTI, A.; MARTINELLI, S.C. Desempenho escolar: análise comparativa em função do sexo e percepção dos estudantes. *Educ. Pesqui.*, v.40, n.1, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/10484391/Desempenho_escolar_an%C3%A1lise_comparativa_em_fun%C3%A7%C3%A3o_do_sexo_e_percep%C3%A7%C3%A3o_dos_estudantes
- PATTO, M.H.S. (Org.) *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- PATTO, M.H.S. *A produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TACCA, M.C.V.R.; BRANCO, A.U. Processos de significação na relação professor-alunos: uma perspectiva sociocultural construtivista. *Estud. Psicol.*, v.13, n.1, p.39-42, 2008. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2008000100005>